

**ISAAC ASIMOV**

**MISTÉRIOS**

# INTRODUÇÃO

Muitas pessoas revelam a tendência de só conseguirem classificar a ficção científica como um membro a mais do grupo de literatura especializada que inclui histórias de mistério, westerns, aventuras, histórias esportivas, histórias de amor, e assim por diante.

Isto sempre pareceu estranho àqueles que conhecem bem a ficção científica, pois esta é uma resposta literária à transformação científica, e esta resposta pode percorrer toda a gama da experiência humana. A ficção científica, em outras palavras, inclui tudo.

Como diferenciar uma história de ficção científica de uma história de aventura, por exemplo, quando a ficção científica é tão intensamente cheia de aventuras que deixa as outras histórias do gênero um tanto pálidas? Seguramente, uma viagem à Lua é, além de tudo mais, uma aventura das mais excitantes.

Vi excelentes histórias de ficção científica classificadas de forma inusitada e que muito enriquecem o campo em que se inserem. Arthur C. Clarke escreveu um western delicioso - mas passava-se sob o mar e havia delfins em lugar de gado. Seu nome era, entretanto, "Lar na Estação", e funcionou.

Clifford D. Simak escreveu "Regra 18", que não é mais do que uma história esportiva, mas envolvia viagem no tempo, de modo que o carro do time da Terra podia recolher pontos eternos para ganhar o jogo anual com Marte.

Em "Os Amantes", Philip Jose Farmer conseguiu variar a forma do romance ordinário ao escrever um conto de amor sóbrio e comovente, que ultrapassava não as fronteiras da religião ou da cor, mas da espécie humana.

Bastante estranho é o fato de que a história de mistério parecia ser a forma mais difícil de se unir à ficção científica. Isto é certamente inesperado. Poder-se-ia pensar que a ficção científica se ligaria facilmente ao mistério. A própria ciência é tão próxima do mistério e o cientista pesquisador tão próximo de um Sherlock Holmes...

E, se quisermos inverter as coisas, não existem mistérios que fazem uso da "mente científica"? O Dr. Thorndyke de R. Austin Freeman é um exemplo de um famoso e bem sucedido cientista-detetive (fictício).

E, mesmo assim, os escritores de ficção científica pareciam ficar inibidos diante do mistério na ficção científica.

Finalmente, tive a explicação disto há anos, por volta de

1940. Disseram-me que, "devido a sua própria natureza", a ficção científica não seria justa para com o leitor. Numa história de ficção científica, o detetive diria:

- Mas, como você sabe, Watson, desde 2175, quando todos os espanhóis aprenderam a falar francês, o espanhol é uma língua morta. Então, como Juan Lopez pôde falar aquelas palavras significativas em espanhol?

Ou, então, o detetive poderia apresentar um invento estranho e dizer:

- Como você sabe, Watson, meu "frannistan" de bolso é perfeitamente capaz de detectar a joia escondida.

Estes argumentos não me impressionaram. Parecia-me que os escritores de mistério comum (não do tipo ficção científica) poderiam ser tão desleais quanto os demais.

Poderiam esconder uma pista necessária deliberadamente. Poderiam introduzir um personagem adicional sem referência anterior. Poderiam, simplesmente, esquecer alguma coisa à qual vinham dando grande atenção e não mais mencioná-la. Poderiam fazer qualquer coisa.

Entretanto, a questão era que eles não faziam qualquer coisa. Eles se apegavam à regra de lealdade para com o leitor. As pistas podiam ser obscurecidas, mas não omitidas. Diretivas essenciais podiam ser assinaladas casualmente, mas eram assinaladas. A pista era disfarçada e mistificada sem remorsos, mas não era trapaceada.

Parecia então que obviamente se poderia ter a garantia de que o mesmo aconteceria com um mistério de ficção científica. Você não lança novos artifícios para o leitor e resolve mistérios através deles. Você não se aproveita da história futura para introduzir fenômenos ad hoc. De fato, você explica cuidadosamente todas as facetas do futuro ambiente com bastante antecedência, de modo que o leitor tenha uma chance decente de ver a solução. O detetive só pode fazer uso de fatos conhecidos do leitor no presente ou de "fatos" do futuro fictício que serão explicados antes cuidadosamente. Mesmo alguns dos fatos reais de nosso presente devem ser mencionados se tiverem que ser usados - apenas para garantir que o leitor esteja ciente do mundo atual que o envolve.

Logo que tudo isto esteja aceito, fica óbvio não somente que o mistério na ficção científica é uma forma literária completamente aceitável, mas também que é muito mais interessante de se escrever e ler, na medida em que freqüentemente contém um ambiente fascinante por si mesmo além do mistério.

Mas, como falar é fácil, resolvi comprovar o que dizia, e em 1953 escrevi uma novela de mistério de ficção científica chamada *As Cavernas de Aço* (Doubleday, 1954). Ela foi aceita pelos críticos como uma boa novela de ficção científica e um bom mistério; e, depois que ela apareceu, nunca mais ouvi ninguém dizer que era impossível escrever mistérios de ficção científica.

Além disso, durante e após esta novela, também escrevi várias pequenas histórias, a fim de provar que os mistérios de ficção científica podiam ser escritos em toda a sua extensão.

Estes mistérios de ficção científica menores (incluindo alguns casos limites) estão incluídos neste volume pela ordem de publicação. Julgue você mesmo.

# O SINO SONORO

Louis Peyton nunca discutira publicamente sobre os métodos com os quais vencera a polícia da Terra numa dúzia de duelos de ardis e blefes, com a psicoprova sempre esperando e sempre frustrada. Ele teria sido tolo em fazê-lo, naturalmente, mas em seus momentos de maior complacência, afagava a ideia de deixar um testamento para ser aberto só após a sua morte, no qual se veria que seu sucesso imbatível se devia à habilidade e não à sorte.

Em tal testamento ele diria: "Nenhum modelo falso pode ser criado para encobrir um crime sem conter em si algum traço de seu criador. Portanto, é melhor procurar um modelo nos fatos que já existam, e então ajustar suas ações a ele."

Foi com este princípio em mente que Peyton planejou o assassinato de Albert Cornwell.

Cornwell, o eficiente receptador de coisas roubadas, aproximouse de Peyton, pela primeira vez, quando este se encontrava em sua mesa privada no Restaurante Grinnell's.

O terno azul de Cornwell parecia ter um brilho especial, o rosto de linhas marcadas insinuava um sorriso estranho e o bigode caprichoso parecia eriçar-se.

- Sr. Peyton, - disse ele, saudando seu futuro assassino, sem nenhum escrúpulo com o momento e com o local - é tão bom encontrá-lo! Eu quase desisti, senhor, quase desisti.

Peyton, que não gostava que se aproximassem dele durante o jornal e a sobremesa no Grinnell's, disse:

- Se você tiver negócios a tratar comigo, Cornwell, sabe onde me encontrar.

Peyton já passara dos 40 e o seu cabelo já tinha perdido o preto primitivo, mas as costas permaneciam hirtas, as feições jovens, os olhos negros, e a voz podia ser ainda mais cortante após longa prática.

- Não para isto, Sr. Peyton, - disse Cornwell - não para isto. Eu sei de um segredo, senhor, um segredo de... sabe, senhor. - O indicador da mão direita movia-se suavemente como se fosse uma castanhola invisível e a mão esquerda cobriu-lhe momentaneamente a orelha.

Peyton virou uma página do jornal, ainda um tanto úmido do teledistribuidor, dobrou-o e perguntou:

- Sinos Sonoros ?

- Oh, psiu, Sr. Peyton - sussurrou Cornwell aflito.

- Venha comigo - disse Peyton.

Atravessaram o parque. Um outro axioma de Peyton era que, para se ser devidamente

secreto, nada melhor do que uma discussão a meia voz ao ar livre.

Cornwell sussurrou:

- Um esconderijo de Sinos Sonoros; um esconderijo cheio de Sinos Sonoros. Não-polidos, Sr. Peyton.

- Você os viu?

- Não, senhor, mas eu falei com alguém que viu. Ele tinha provas suficientes para me convencer. Há o bastante lá para que o senhor e eu nos aposentemos ricos. Absolutamente ricos, senhor.

- Quem era este outro homem ?

Um ar matreiro iluminou o rosto de Cornwell como uma tocha, obscurecendo-o mais do que parecia e impregnando-o de uma oleosidade repulsiva.

- O homem era um cavador lunar que tinha um método especial para localizar os Sinos nas paredes da cratera. Eu não sei o seu método; ele nunca me disse. Mas juntou dúzias, escondeu-os na Lua e veio à Terra para tratar da distribuição.

- Ele morreu, suponho?

- Sim. Um acidente estarrecedor, Sr. Peyton. Uma queda. Muito triste. Naturalmente, suas atividades na Lua eram ilegais. O Domínio é bem estrito sobre mineração de Sinos desautorizada. Por isto, talvez tenha sido um julgamento, no final das contas... De qualquer modo, eu tenho seu mapa.

Peyton disse, com ar de calma indiferença:

- Não quero nenhum detalhe de sua transaçõzinha. O que quero saber é por que você veio a mim.

Cornwell retrucou:

- Bem, agora, há o bastante para nós dois, Sr. Peyton, e ambos podemos ter a nossa parte. Por meu lado, sei onde fica o esconderijo e posso conseguir uma nave espacial.

O senhor...

- Sim?

- O senhor pode pilotar a nave espacial, e tem excelentes contatos para a distribuição dos Sinos. É uma divisão de trabalho bem justa, Sr. Peyton. Não acha agora?

Cornwell considerou o esquema de sua vida - o esquema que quase existia - e as coisas pareceram encaixar-se.

- Partiremos para a Lua no dia 10 de agosto. Cornwell parou de andar e disse:

- Sr. Peyton! Estamos apenas em abril agora.

Peyton manteve seu passo igual e Cornwell teve que se apressar para alcançá-lo.

- Está me ouvindo, Sr. Peyton?

- 10 de agosto - repetiu Peyton. - Eu o procurarei no momento apropriado e lhe direi para onde trazer sua nave. Não tente ver-me pessoalmente até então. Até logo,

Cornwell.

- Meio a meio? - perguntou Cornwell.

- Certo - respondeu Peyton. - Até logo!

Peyton continuou a caminhada sozinho e considerou o esquema de sua vida outra vez. Com 27 anos, ele comprara um trecho de terra nas Rochosas, onde um antigo proprietário construía uma casa projetada como refúgio contra as ameaças das guerras atômicas de dois séculos atrás, aquelas

que enfim nunca chegaram a acabar. A casa, entretanto, permaneceu como um monumento a uma tentativa medrosa de autossuficiência.

Era de cimento e aço, no ponto mais isolado que podia ser encontrado na Terra, colocada bem acima do nível do mar e protegida de todos os lados por picos de montanhas mais altos ainda. Continha sua própria unidade geradora de energia, seu fornecimento de água vinda de fontes nas montanhas, seus congeladores onde se podia pendurar dez quartos de carne comodamente, o porão equipado como uma fortaleza, com um arsenal de armas destinadas a alimentar hordas famintas e apavoradas que nunca vieram.

Possuía seu aparelho de ar condicionado, que podia limpar e limpar o ar até que também a radioatividade (pobre fragilidade humana) pudesse ser eliminada.

Nesta casa de sobrevivente, Peyton passava no mês de agosto todos os anos de sua vida perene de solteiro. Cortava as comunicações, a televisão, os teledistribuidores de jornais. Construía uma cerca de campo de força em torno da propriedade e deixava um mecanismo de sinalização de curta distância da casa, até o ponto em que a cerca atravessava uma trilha sinuosa entre as montanhas.

Durante um mês por ano, ficava completamente só. Ninguém o via, ninguém o achava. Em absoluta solidão, tinha as únicas férias que ele valorizava após onze meses de contato com uma humanidade pela qual ele só podia sentir bastante desprezo.

Até a polícia - e Peyton sorria - sabia de sua rígida consideração quanto ao mês de agosto. Certa vez, faltou a um compromisso e arriscou-se a submeter-se à psicoprova para não renunciar a seu agosto.

Peyton considerou um outro aforismo para uma possível inclusão em seu testamento: não há nada mais convincente de uma aparente inocência do que uma falta triunfante de álibi.

Em 30 de julho, como em 30 de julho de todos os anos, Louis Peyton tomava o extrajato não-

gravitacional de 9 h 15 m em Nova York e chegava a Denver às 12 h 30 m.

Lá ele almoçou e tomou o ônibus semigravitacional de 1 h 45 m para Hump"s Point, de onde Sam Leibman o apanhou num carro terrestre - todo-gravitacional! - para subir o atalho até os limites de sua propriedade. Sam Leibman aceitou gravemente a gorjeta de dez dólares que sempre recebia e tocou no chapéu, como já vinha fazendo no dia 30 de julho durante quinze anos.

Em 31 de julho, como em 31 de julho de todos os anos, Louis Peyton voltou a Hump"s Point em seu aerocarro não-gravitacional e entregou uma ordem no magazine geral de Hump"s Point para o suprimento de que precisaria no próximo mês. Não havia nada de extraordinário na ordem. Era virtualmente a duplicata de outras ordens anteriores.

MacIntyre, gerente da loja, conferiu gravemente a lista, endereçou-a ao Armazém Central, Distrito da Montanha, em Denver, e tudo isto lhe chegou às mãos, em uma hora, pelo raio transferidor de massas. Peyton carregou seu aerocarro com os suprimentos, ajudado por MacIntyre, deixou a gorjeta habitual de dez dólares e voltou para casa.

A 1° de agosto, às 12 h 1 m, o campo de força que cercava sua propriedade foi colocado em toda a potência e Peyton ficou isolado.

E agora o esquema mudara. Deliberadamente, havia separado oito dias para si. Nesse tempo, destruiu vagarosa e meticulosamente a quantidade de suprimentos suficiente ao gasto de todo o mês de agosto. Usou os quartos de limpeza que serviam à casa como uma unidade para guardar o lixo. Eram de um modelo avançado capaz de reduzir todas as substâncias, incluindo metais e silicatos, a uma poeira molecular impalpável e indetectável. O excesso de energia formado no processo era descarregado numa fonte da montanha que passava pela sua propriedade. Revelava cinco graus a mais de temperatura do que o normal por semana.

A 9 de agosto, seu aerocarro levou-o a um ponto em Wvoming, onde Albert Cornwell e uma espaçonave o esperavam. A própria espaçonave era um ponto fraco, naturalmente, pois havia homens que a venderam, homens que a transportaram e ajudaram a prepará-la para o voo. Todos estes homens só chegavam até Cornwell, e Cornwell, Peyton pensou - com um ligeiro sorriso nos lábios frios - teria um fim mortal. Um fim bem mortal.

A 10 de agosto, a espaçonave, com Peyton nos controles e Cornwell - e seu mapa - como passageiro, deixou a superfície da Terra. Seu campo não-gravitacional era excelente.

A toda força, o peso da nave era reduzido a menos de 30 gramas. As micropilhas forneciam energia eficiente e sem ruído; e, sem chamas nem sons, a nave subiu na atmosfera, reduziu-se a um ponto e sumiu.

Era muito pouco provável que tivesse havido testemunhas do voo, ou que nestes frágeis e escassos tempos de paz houvesse um radar como em dias passados. De fato, não havia nenhum.

Dois dias no espaço; duas semanas agora na Lua. Quase instintivamente, Peyton havia previsto estas duas semanas desde o começo. Não tinha ilusões quanto ao valor dos mapas feitos em casa por cartógrafos amadores. Podiam ser úteis para o próprio desenhista, que tinha o auxílio da memória. Para um estranho, não representavam mais do que um criptograma.

Cornwell mostrou a Peyton o mapa, pela primeira vez, apenas depois da decolagem. Ele sorriu obsequiosamente.

- Afinal, senhor, este era o meu único trunfo.

- Você conferiu isto com as cartas lunares ?

- Eu mal saberia como, Sr. Peyton. Dependo do senhor.

Peyton encarou-o friamente, enquanto devolvia o mapa. A única coisa certa nele era a Cratera Tycho, o local da Cidade Luna sepultada.

Num caso ao menos, a astronomia estava a favor deles. Ticho estava no lado iluminado da Lua no momento. Isto significava que as naves patrulheiras dificilmente estariam fora, e eles mesmos também dificilmente seriam observados.

Peyton baixou a nave, arriscadamente, numa rápida alunissagem não-gravitacional, dentro da escuridão fria e segura da sombra interior da cratera. O Sol tinha passado pelo zênite e a sombra não diminuía.

Cornwell fez uma careta.

- Caro Sr. Peyton, nós mal podemos fazer explorações no dia lunar.

- O dia lunar não dura sempre - retrucou Peyton rispidamente. - Há ainda cerca de cem horas de Sol. Podemos usar este tempo para nos aclimatar e decifrar o mapa.

A resposta veio logo, mas no plural. Peyton estudou as cartas lunares uma após outra, tomando medidas meticulosas, e tentando encontrar o desenho das crateras apresentado no rabisco feito em casa, que era a chave do quê?

Finalmente, Peyton disse:

- A cratera que queremos poderia ser uma das três: GC-3 GC-5 ou MT-10.

- Que faremos, Sr. Peyton? - perguntou Cornwell inquieto.

- Tentaremos todas, respondeu Peyton - começando pela mais próxima.

O terminador passou e eles ficaram na sombra da noite. Depois disto, passavam períodos cada vez maiores na superfície lunar, acostumando-se ao silêncio eterno e à escuridão, ao brilho áspero das estrelas, ao clarão de luz que era a Terra debruçada sobre a borda da cratera. Eles deixavam pegadas fundas e disformes na poeira seca, que não se movia nem mudava. Peyton notou-as antes quando saíram da cratera para a luz abundante da Terra convexa. Isto foi no oitavo dia, após a chegada à Lua.

O frio lunar limitou-lhes o tempo que podiam permanecer fora da nave em qualquer momento. Entretanto, conseguiram aumentá-lo cada dia que passava. No décimo primeiro

dia após a chegada, eliminaram a GC-5 como a cratera que podia conter os Sinos Sonoros.

No décimo quinto dia, o sangue frio de Peyton ficou quente de desespero. Teria que ser a GC-3. A MT-10 era muito longe. Não teriam tempo para alcançá-la e explorá-la e ainda voltar à Terra por volta de 31 de agosto.



No mesmo décimo quinto dia, entretanto, o desespero desaparecera para sempre quando descobriram os Sinos.

Não eram bonitos: simples massas irregulares de rocha acinzentada, do tamanho de um pulso, cheias de vácuo e com peso de pluma na gravidade lunar. Havia duas dúzias deles, e cada um, - após bom polimento, podia ser vendido por cem mil dólares, no mínimo.

Cuidadosamente, carregaram os Sinos para a nave, colocaramos bem mais no alto e voltaram para buscar mais. Três vezes fizeram o trajeto, que os teria esgotado na Terra, mas que, com a gravidade liliputiana da Lua, dificilmente constituiria uma barreira.

Cornwell passou o último Sino para Peyton, que os colocara cuidadosamente dentro da comporta exterior.

- Mantenha-os afastado, Sr. Peyton, - disse, com a voz soando asperamente no ouvido do outro. - Já Vou subir.

Agachou-se para o pulo lento e alto contra a gravidade lunar, olhou para cima e gelou de pânico. O rosto, claramente visível através da viseira firmemente fixada no capacete, gelou com uma última careta de terror.

- Não, Sr. Peyton. Não faça...

O pulso de Peyton esticou-se com o punho da arma que ele segurava. Fez fogo. Houve um clarão insuportavelmente brilhante e Cornwell era um fragmento morto de homem, estendido entre os restos da roupa espacial e salpicado de sangue gelado.

Peyton parou para olhar sombriamente para o homem morto, mas apenas por um segundo. Depois transferiu o último dos Sinos para os recipientes preparados, tirou a roupa, ativou primeiramente o campo não-gravitacional e depois as micropilhas, e, potencialmente um ou dois milhões de vezes mais rico do que ele era duas semanas atrás, começou a viagem de volta para a Terra.

A 29 de agosto, a nave de Peyton desceu silenciosamente, em marcha à ré, no ponto, em Wvoming, de onde ele partira a 10 de agosto. O cuidado com que Peyton escolhera o lugar não era excessivo. Seu aerocarro ainda estava lá, enfiado e protegido por uma fenda do terreno rochoso e tortuoso.

Levou os Sinos Sonoros ainda uma vez, em seus recipientes, ao recesso mais profundo da fenda, cobrindo-os, disfarçadamente, com terra. Voltou à nave ainda uma vez para arrumar os controles e fazer os últimos ajustamentos. Saiu outra vez, e dois minutos depois os automáticos da nave dispararam.

Acelerando silenciosamente, a nave dirigiu-se para cima e subiu desviando-se um pouco para oeste, segundo a rotação da Terra sob ela. Peyton observava, protegendo os olhos contraídos, e sua última visão foi a de um pálido clarão e um ponto de nuvem no céu azul.

Os lábios de Peyton crispavam-se num sorriso. Havia julgado certo. com a inutilização das hastes de segurança de cádmio, as micropilhas ultrapassaram o nível de segurança da unidade de sustentação e a nave desapareceu no calor da explosão nuclear que se seguiu.

Vinte minutos após, estava de volta em sua propriedade. Sentia-se cansado e os músculos doíam devido à gravidade da Terra. Dormiu bem.

Doze horas após, de manhã cedinho, a polícia chegou.

O homem que abriu a porta colocou as mãos cruzadas sobre a barriga e, sorrindo, curvou-se em saudações duas ou três vezes. O homem que entrou, H. Seton Davenport, do Serviço Terrestre de Investigação, olhou em volta, pouco à vontade.

O quarto em que entrara era grande e estava quase na escuridão, com apenas uma luz brilhante focalizando uma combinação de poltrona com escrivaninha. Fileiras de microfilmes cobriam as paredes. Uma suspensão de cartas galácticas ocupava um dos cantos do quarto e uma lente galáctica brilhava suavemente numa prateleira em outro canto.

- O senhor é o Dr. Wendell Urth? - perguntou Davenport, num tom que insinuava dificuldade em acreditá-lo.

Davenport era um homem troncado, de cabelos negros, nariz fino e proeminente, com cicatriz em forma de estrela numa das faces, que marcava permanentemente o lugar em que um chicote neurônico o atingira uma vez em golpe certo.

- Sou - disse o Dr. Urth em voz fina de tenor. - E o senhor é o Inspetor Davenport.

O inspetor apresentou as credenciais:

- A Universidade recomendou-me o senhor como um extraterrologista.

- Foi isto que o senhor disse quando me chamou há meia hora atrás - disse Urth acolhedor. As feições eram magras, o nariz um botão teimoso, e sobre os olhos, um tanto protuberantes, óculos bem grossos.

- Irei direto ao assunto, Dr. Urth. Presumo que o senhor visitou a Lua...

O Dr. Urth, que retirara uma garrafa contendo um líquido rubro e dois copos, um pouco sujos de poeira, detrás de uma pilha de livro-filmes, disse com repentina rispidez:

- Eu nunca visitei a Lua, Inspetor. Nem pretendo! A viagem espacial é uma tolice. Não acredito nela.

Depois, em tom mais suave:

- Sente-se, senhor, sente-se. Tome um gole.

O Inspetor Davenport fez o que ele pedia e disse:

- Mas o senhor é um...

- Extraterrologista. Sim. Sou interessado em outros mundos, mas isto não quer dizer que tenho de ir até lá. Meu Deus, não tenho de ser um viajante no tempo para ser qualificado como historiador, tenho?

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

